

26ª. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
01 E 04 DE JUNHO, PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL
GRUPO DE TRABALHO - 37
COLEÇÕES, MUSEUS E PATRIMÔNIOS

**DINÂMICAS DAS PAISAGENS, DOS PATRIMÔNIOS E DAS MEMÓRIAS SOCIAIS
NA ATUALIDADE: O 'Complexo de Dédalo' em Perspectiva¹.**

Alexandre Fernandes Corrêa²
Universidade Federal do Maranhão
alexcorrea@antropologia.com.br

RESUMO

Breve artigo analisando o 'complexo de Dédalo', num paralelo com a mitologia Grega, para se interpretar as 'encruzilhadas do labirinto' das políticas do patrimônio e da memória na atualidade. O foco da análise recai especialmente para as recentes dinâmicas de aceleração dos processos de 'turistificação' e 'gentrificação' da paisagem urbana dos centros antigos das metrópoles brasileiras.

Palavras-chave: Patrimônio – Memória – Paisagem – Urbanismo – Turismo

ABSTRACT

Brief analysis of the 'complex of Dédalo', in a parallel with the Greek mythology, to interpret the 'crossroads of the maze' of the policies of cultural heritage (patrimony) and memory in the present. The focus of the analysis lies especially for the recent dynamics of acceleration of the processes of 'turistification' and 'gentrification' of the urban landscape of the towns of Brazilian cities.

Key-Words: Cultural Heritage – Memory – Landscape – Urbanism – Tourism

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Coleções, Museus e Patrimônios (GT 37) - Coordenadores: Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO) e Manuel Ferreira Lima Filho (UCG). O primeiro esboço desse artigo foi apresentado no II FÓRUM TEMÁTICO PAISAGEM E CULTURA, 5 a 7 de dezembro de 2007 (UFPA).

² Alexandre Fernandes Corrêa. Docente Associado de Antropologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGCS). Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) - PUC/SP. Pós-Doutorado em Antropologia (UFRJ). E.mail: alexcorrea@antropologia.com.br.

DINÂMICAS DAS PAISAGENS, DOS PATRIMÔNIOS E DAS MEMÓRIAS SOCIAIS NA ATUALIDADE: O ‘Complexo de Dédalo’ em Perspectiva.

Neste artigo apresentarei algumas idéias heterodoxas elaboradas a partir de observações empíricas em centros urbanos antigos de metrópoles brasileiras³ e, mais particularmente, de experiências com pesquisa e extensão universitária nos bairros que compõem o ‘Centro Histórico’ de São Luís, desde o final da década de 1990. Nestas experiências detectam-se sinais significativos de mutações no imaginário social brasileiro, especialmente em relação a gestão das paisagens culturais e das memórias sociais e urbanas.

Para desenvolver esta reflexão desejo adiantar que farei uso de um recurso metodológico e estilístico que merece ser comentado antecipadamente. Como afirmava Max Weber, a profissão do sociólogo é ‘exagerar’, e inspirado nessa máxima farei aqui a exposição de algumas idéias que não segue qualquer ‘ortodoxia de escola’. Destarte, vou recorrer àquela forma de pensar que Wright Mills chamou de ‘raciocínio por tipo extremo’, isto é, ‘tomar algumas tendências constatáveis nos dados da pesquisa ou na elaboração teórica e levar estas tendências às últimas consequências lógicas’. Como escreveu o professor José Carlos Rodrigues:

tal modo de raciocinar corre sempre o risco de produzir resultados caricaturais. Mas possui também o mérito de possibilitar que se avalie o imensamente pequeno como se fosse gigantesco e o extraordinariamente grande como se fosse minúsculo: um artifício, portanto de relativização lógica (Rodrigues, 1992: 103).

Após antecipar no texto o uso desse recurso metodológico, podemos avançar na exposição das idéias aqui alinhavadas, que são esboços de exercícios críticos que estão em processo de filtragem pelo ‘laboratório do intelecto’; pois são idéias que ainda estão muito marcadas pelo impressionismo da experiência empírica.

Sendo assim, introduzindo um conceito chave nessa reflexão, adiantarei que vou designar provisoriamente como ‘Complexo de Dédalo’⁴ os processos sócio-culturais que identifico desenvolverem-se atualmente - através de vultosos investimentos coletivos - nos diversos centros urbanos antigos e acervos culturais, patrimoniais e museológicos no país e, também, no continente sul-americano. Neste cenário privilegiado encenam-se forças poderosas que agenciam todo um conjunto de equipamentos que compõem as diversas paisagens culturais urbanas dos Centros Antigos das metrópoles brasileiras.

³ Desde o final dos anos de 1980 que realizo observações e pesquisas de campo nos centros urbanos antigos do Rio de Janeiro, Recife, Olinda, São Paulo e São Luís. Destas observações e pesquisa resultaram trabalhos acadêmicos: Monografia de Graduação (RJ-1986), Dissertação de Mestrado (PE-1993), Doutorado (SP-2001) e PósDoutorado (RJ-2005).

⁴ Apoiado nas intervenções críticas de Castoriadis, especialmente na série de textos designados *Encruzilhadas do Labirinto*, vou trabalhar provisoriamente com a expressão ‘Complexo de Dédalo’, para tentar interpretar o conjunto de fenômenos que observo se sedimentar no quadro empírico referido.

Porém, é partir das observações do que ocorre especialmente em São Luís/MA⁵, que farei aproximações comparativas com outros centros urbanos antigos do Brasil, entre os quais se desenvolvem de forma semelhante, recentes processos de ‘gentrification’⁶ e ‘turistificação’⁷. São novos agenciamentos coletivos, manifestos cenograficamente, e que surgem como um novo ‘artefato’ nas mãos de arquitetos e engenheiros: combinando e associando novos e velhos tecnocratas, especialistas do patrimônio histórico e cultural⁸.

Trata-se de uma construção histórica cada vez mais sofisticada, mas também é uma construção política que talvez esteja nos conduzindo ao mais extravagante dos labirintos da modernidade; um ‘labirinto urbano’, que – tomando a liberdade de utilizar aqui uma figura da mitologia grega antiga – atravessou o milênio, deixando como herança, à sociedade cada vez atônita, uma ‘fantasmagoria minotáurica’ certamente desconcertante⁹.

Por ora, pode-se afirmar que a natureza dessa ‘fantasmagoria’ se funda no evidente desenraizamento que se manifesta na engenhosidade estetizada, assim como nas artificialidades fabricadas (ou autenticidades encenadas¹⁰) pelos projetos arquitetônicos, e de engenharia cultural, que se distanciaram e romperam os laços da sociabilidade básica e fundamental, ainda existentes e resistentes nos Centros Urbanos Antigos brasileiros e latino-americanos. São ‘Projetos de Intervenção Tecnocrática’ que se distanciam cada vez mais do cotidiano e da vivência social mais concreta, isto é, ‘processos de patrimonialização’ que promovem a homogeneização urbana, eliminando as ‘singularidades locais de cada espaço urbano para enquadrá-los em um padrão mundial obcecado pelo fluxo de turismo estrangeiro e nacional e pelo capital multinacional’¹¹.

Todavia, para além das constatações e observações gerais, é preciso que se descreva com mais minúcias as particularidades de uma ideologia engenhosa e poderosa, para que se possa fazer toda justiça ao novo fenômeno social e cultural contemporâneo. Os arquitetos, os engenheiros e os tecnocratas do patrimônio expressam traços culturais que são sintomas tardios de uma sociedade em crise, isto é, crise da sociabilidade artificializada num complexo sócio-cultural que se impõem de modo inédito e sem precedentes na história. O chamado “fim do social”, enfocado por alguns sociólogos contemporâneos, entre os quais cito Jean Baudrillard (1994), se cristaliza nessas “memórias do social” que vemos engendram-se como paródias, sinais de uma irrisão tardia. Ironicamente, é no

⁵ Em São Luís coordenamos, até 2006, o Projeto de Ação Cultural “Teatro das Memórias: Entre Passado e o Futuro. A partir de 2007 estamos coordenando o Grupo de Trabalho UFMA São Luís 400 anos, da Universidade Federal do Maranhão. Mais informações no Blog: <http://grupodepesquisapatrimoniomemoria.blogspot.com/>

⁶ Termo utilizado segundo Rogério Proença Leite: “As práticas de *gentrification* articulam a dimensão do consumo à tradição e ao patrimônio quando revalorizam localidades, em pelo menos dois eixos fundamentais: 1. por destacarem os centros históricos como lugares de convergência da população para um suposto passado e identidades comuns, expressão de uma memória da nação, da tradição e da cidadania; 2. por tratarem a intervenção como uma forma de recuperar um espaço urbano enquanto ‘espaço público’ de lazer, entretenimento e consumo da população” (2004: 22).

⁷ Termo utilizado segundo Cláudio Jorge Moura de Castilho: “Ao conjunto dessas experiências de urbanismo, com base no turismo como atividade motriz, chamamos de ‘turistificação’, *la mise en tourisme*, ou seja, a qualificação de um espaço no sentido da sua transformação em um lugar para o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo” (2006: 03)

⁸ Esses especialistas do patrimônio vêm se formando desde o início do século XX. No Brasil, é um processo que se desencadeia desde a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fundado em 1937.

⁹ Mais a frente no texto explicar-se-á as razões de introduzir o recurso interpretativo-comparativo da alegoria mítica do Labirinto de Creta, quando associamos simbolicamente o ‘passado’ e a ‘nostalgia’ com a figura do Minotauro e os arquitetos a sina de Dédalo.

¹⁰ Noção empregada por MacCannel e referida por Silvana Araújo no texto *Artifício e Autenticidade* (BANDUCCI Jr., 2001).

¹¹ Exemplos de intervenções desse tipo: Pelourinho, em Salvador, e a proposta para a área Portuária do Rio de Janeiro.

momento que se tenta salvaguardar, com esforços concentrados em apelos sentimentais e apoiados numa retórica romântica e nostálgica, muito sedutora e super-elitizada, que vemos manifestar-se o sintoma de uma falência, isto é, a falência da sociabilidade numa sociedade cada vez mais individualista e anti-social¹².

Essa ideologia estetizadora do passado e da moda *retrô* dita pós-moderna se rebate em ‘imagens dialéticas’ penetrantes, especialmente no nosso contexto sul-americano – ambiente sócio-cultural em que a sociabilidade mais cotidiana, a sociabilidade da cultura popular ainda resistente e viva, sempre foi um grande estorvo para os arquitetos, engenheiros e tecnocratas da elite¹³. Estorvo, pois, esses vestígios e traços da vivência cultural popular atrapalhavam, e ainda atrapalham o jogo de ‘experimental’ projetos ‘fetichizados’ de intervenção, no que poderíamos chamar de novos parques do ‘admirável mundo novo’ do passado tornado agora mercadoria turística.

Os processos de ‘gentrification’ que se observam desenvolver pelo Brasil, na atualidade, replica aqui o que está ocorrendo, ou já ocorreu, em vários outros países ocidentais¹⁴. É o reflexo do processo de intensificação de ‘confinamento’ e da ‘marginalização’, sem precedentes, dos grupos dos imigrantes, desempregados, excluídos e de todas as minorias que ainda ocupam os Centros Antigos das grandes cidades brasileiras¹⁵. Tudo isso se faz hoje com o acordo e chancela unânime de acadêmicos e especialistas, que sacramentam a ‘ideologia’ da ‘turistificação’¹⁶, comungando a esperança de que haverá enfim a redenção econômica das regiões pobres do país, reificando assim as promessas de desenvolvimento sócio-econômico capitaneado pela chamada ‘indústria limpa e sanitária do turismo sustentável’ – ideologia poderosa que merece ser analisada criticamente, superando este estado hipnótico em que nos encontramos todos capturados: políticos, comunidades, especialistas, profissionais, professores, universitários, etc¹⁷.

Entretanto, o que observamos hoje é que ao se pretender criticar essa ‘ideologia’ corre-se um grande risco de ser considerado um tipo de ‘pessimista’ incurável, um derrotista, um ‘idiota’ crítico, que não admira as maravilhas que o turismo pode oferecer para os países ‘em desenvolvimento’,

¹² Nesse ponto nos aproximamos das reflexões de Gilles Lipovetsky, apresentadas na obra *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo* (1989).

¹³ Detecta-se assim um forte reforço nas sociedades atuais do ‘nostalgismo passadista’, que se expressa na atração estetizada pelo ‘mundo do passado’, transformado pelo crescente sentimento de estranheza, em ‘alteridade’ radical. O ‘passado’ transformou-se num ‘país estrangeiro’, como apontou Marshall Sahlins (1990).

¹⁴ Cidades européias (Londres, Paris, Berlim, etc.) e norte-americanas (San Francisco, Filadélfia, Chicago, etc.) vêm passando por esse processo desde a década de 1960. Ver, entre outros textos, Glass, R. (1964), Betsky, A. (1997), etc.

¹⁵ Esse processo de ‘confinamento’ e ‘marginalização’ se dá de modo ambivalente e contraditório. Ao mesmo tempo em que oferece supostos benefícios de ‘inclusão’ social por programas de ‘empreendedorismo’ (do tipo SEBRAE, etc), promove o processo de desenraizamento sócio-cultural, destruindo os antigos laços da sociabilidade ‘autêntica’, ainda manifestos nessas regiões ‘históricas’, lançando esses grupos e indivíduos na pauperização mais cruel, assim que a ‘moda’ do consumo desses espaços sociais ‘revitalizados’, forem abandonados novamente, pelas classes médias. Os chamados Programas de Educação Patrimonial são paliativos pseudo-humanistas, que somente aplacam o sentimento de culpa de agentes culturais e patrimoniais, sem enfrentar essa contradição ideológica fundamental.

¹⁶ Termo utilizado no sentido empregado por Cláudio Jorge Moura de Castilho (1999): “O Uso do Turismo na Formação de Representações Sócio-Espaciais do Desenvolvimento em Recife/PE”.

¹⁷ Observa-se que o cenário atual é de desconfiança e incerteza em relação ao futuro: há uma ‘crise do futuro’, em contexto mundial: ‘o futuro está doente’. Para além de apenas detectarmos a fragmentação acentuada do conhecimento, que não oferece condições de se pensar as transformações atuais, acreditamos que talvez uma ‘religação dos saberes’ ou uma ‘reforma do pensamento’, como Edgar Morin indicou no livro *Terra Pátria* (1995), possa oferecer uma chance de recolocar os termos dessa equação difícil num novo patamar epistêmico.

especialmente, para as regiões mais empobrecidas que possuem acervos paisagísticos bioculturais com ‘grande potencial’ turístico...

Ironicamente, ao mesmo tempo em que vemos se difundir com nova força essa poderosa ideologia do ‘turismo redentor’, fica cada vez mais evidente que, mesmo gozando de forte apelo comercial e empresarial, esse modelo de ‘desenvolvimento auto-sustentável’ está em crise; esgota-se a passos largos, pois as contradições entre a retórica e os resultados práticos – abrindo um fosso abismal¹⁸ – são cada vez mais presentes, assim como densos, tensos e eloquentes os reflexos dessa disjunção. É certo também que assistimos e testemunhamos metamorfoses e mutações de um modelo já bastante conhecido, que se reconhece apenas na sua atual fase como uma momentânea e passageira ‘teatralização’¹⁹ sanitária e higienizadora, que aglomera e condensa como uma onda, uma moda fugaz de consumo, passadista chique, em templos consumistas simulados e com referências e citações refinadas e estetizadas ao ‘passado’²⁰. Mas, essa onda modista *retrô*, tem deixado um rastro fantasmagórico cada vez mais curioso, e, aqui apoiados nas reflexões de Gilles Lipovetsky (1989) e em Slavoj Žizek (2005) poderíamos designar de ‘pseudo-nostalgia romântica’ de ‘zumbis pós-modernos’²¹.

Todavia, antes de se esgotar totalmente, esta ideologia pretende perpetuar seus ‘fósseis’ os increvando ou tombando nas paisagens urbanas das cidades, aspirando uma ‘eternidade’ sacralizada, como prenúncio de um fim heróico e glorioso. Trata-se, como se pode perceber, de uma inscrição do imaginário de uma classe social que se vê desmoronando junto com um modelo e uma visão de mundo particular, em que seu domínio, em mais de um século de intervenções arbitrárias e autoritárias, nas cidades brasileiras, finalmente parece anunciar seu fim. Esse processo de desencanto, crítico e preocupante, que vem se reproduzindo já há algumas décadas, numa longa crise da cultura e do pensamento, parece que agora demonstra sinais de que finalmente se esgota²².

Porém, é preciso contextualizar melhor esse processo de modo reflexivo, pois ele não se apresenta de maneira fragmentada ou isolada, como preconizam os ‘profetas do caos’. Ao focar diretamente a questão da patrimonialização excessiva, como analisa Henri-Pierre Jeudy (2005), é necessário revelar a lógica de uma ‘imaginação de classe’, uma cenografia-de-classe²³ imposta por um tipo de formação subjetiva forjada por uma classe social particular. As classes médias e altas estão sempre ávidas por consumir novos espaços nas cidades; desejam novos símbolos descartáveis para consumir, e para aplacar o vazio de um consumismo passivo (Lipovetsky, 1989). Mas, logo

¹⁸ Paul Rabinow, comentando sua passagem pelo Brasil, escreveu: “Aqui (...) um discurso oficial voa longe do significado ao qual está supostamente ligado. A representação alcançou um alto grau de autonomia no Brasil” (Rabinow, 1999: 13).

¹⁹ Ver *A Teatralização do Poder e A Encenação do Popular* de Nestor Canclini, na obra *Culturas Híbridas* (2003).

²⁰ O que causa muita espécie é que toda uma vertente boêmia e contra-cultural, num estilo *hippie* anacrônico, ou mesmo *chic*, crêem se apropriar desses ‘parques do passado’ cultivando nostalgicamente um refúgio da modernidade burguesa. Vê-se uma síntese semântica produzindo um curioso ‘hibridismo’ de contra-cultura tardia e nostalgismo passadista, num ambiente povoado por diversos grupos considerados *outsiders*: gays, rastafaris, boêmios, intelectuais, artistas, artesãos, etc.

²¹ Nesse quadro civilizatório destaca-se de modo significativo um traço psico-cultural marcante, recentemente designado pelo filósofo esloveno Slavoj Žizek (2005), como de uma paisagem em que “nos arrastamos como zumbis pós-modernos”.

²² Hannah Arendt apontou para esse fenômeno do ‘desencantamento da razão’ identificando, desde o fim da II Guerra Mundial, a crise da cultura no mundo ocidental, no que chamou de ‘quebra’ ou ‘fratura’ da mente, que não conseguia mais ‘pensar’ as contingências do mundo atual, já que a Tradição se perdeu definitivamente: “(...) por alguma razão misteriosa, a mente humana deixou de funcionar adequadamente (...)” (Arendt, 1997: 35).

²³ Usado como paródia ao termo forjado por Patrice Pavis (2003): etno-cenografia.

desaparecem do cenário criado para essas mesmas classes, voltando a ser encenada ali a decadência e a desvalorização imobiliária do lugar, e, de novo, voltam os grupos sociais e culturais expulsos da região, num círculo vicioso maldito, pois as classes subalternas retornam recolhendo os pedaços do que sobrou do consumo passivo e passageiro.

Esse processo de desencanto é preocupante, como já foi sugerido acima; mas, espanta é que poucas vozes se levantam contra esse estado de coisas - o conformismo é geral e impõem um silêncio terrificante, que poucos ousam apontar denunciando os vícios desse ciclo de esvaziamento progressivo dos sentidos e usos dos espaços urbanos e das paisagens culturais. Como decifrou Nestor Canclini, numa reflexão que merece ser referida:

Precisamente porque o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade ele constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social. Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos. Frente à magnificência de uma pirâmide maia ou inca, de palácios coloniais, cerâmicas indígenas de três séculos atrás ou à obra de um pintor nacional reconhecido internacionalmente, não ocorre a quase ninguém pensar nas contradições sociais que expressam. A perenidade desses bens leva a imaginar que seu valor é inquestionável e torna-os fontes de consenso coletivo, para além das divisões de classe, etnias e grupos que cindem a sociedade e diferenciam os modos de apropriar-se do patrimônio. Por isso mesmo, o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista (Canclini, 2003: 160).

Destaco dessa citação oportuna, as expressões: ‘cumplicidade social’, ‘manter juntos’, ‘fontes de consenso coletivo’, etc. É exatamente o que estamos reconhecendo se reproduzir em relação a ideologia de que o turismo trará o desenvolvimento para as regiões subdesenvolvidas dos países e regiões empobrecidas: todos endossam esse novo axioma ideológico.

O que se destaca nesse contexto é a ausência flagrante de qualquer política que se comprometa em promover a democratização da gestão do ‘teatro das memórias sociais’. ‘Democracia’ é uma palavra ausente e não há qualquer garantia de seu exercício, nesses ambientes dominados pelos tecnocratas de plantão. Sob o véu do ‘sentimentalismo romântico’, que justificaria as práticas dos ‘bem-intencionados’ de coração, inerentes a esses agentes ‘desinteressados’ – iluminados pela ‘nobre causa’ do patrimônio e cultura – jamais se discute e se exige que aja participação democrática nas instâncias de decisão, que afetam a vida de dezenas de famílias e centenas de pessoas. Nos programas nacionais e regionais de implantação de projetos de patrimonialização, como o ‘Programa MONUMENTA’²⁴ e o PRODETUR²⁵, não há qualquer exigência de que as decisões de financiamento

²⁴ MONUMENTA – Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Urbano Brasileiro, do Ministério da Cultura, assinou contrato com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O Programa já recebeu US\$ 200 milhões. Desse valor total US\$62,5 milhões, do MinC; US\$75 milhões, investimentos diretos; e, US\$62,5 milhões, contrato de empréstimo do BID com o governo brasileiro. O Programa Monumenta que integrou as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, visa a recuperação e a preservação dos conjuntos patrimoniais urbanos, num trabalho que pretende ser executado, numa primeira

e investimento sejam deliberadas em Conselhos de Cultura e Patrimônio legitimados legal e constitucionalmente. São centenas e milhares de dólares que são ‘gerenciados’ por grupos de interesse e poder econômico que agenciam os especialistas e tecnocratas num tipo de consórcio que mereceria uma investigação não só de tipo sociológico, mas uma perícia fiscal e monetária, exigindo mais transparência e credibilidade.

Afortunadamente, apesar de toda uma campanha poderosa em prol dessa crença no turismo redentor, já temos recolhidos em pesquisas recentes dados que desmentem essa ilusão de que o turismo, por si só, acarreta desenvolvimento e inclusão social generalizado. Encontram-se dados importantes levantados em Recife/PE, por Cláudio Jorge Moura de Castilho (1999). Nesse trabalho de pesquisa desnudam-se as formas de interpelação de uma ideologia sedutora, mas que não se sustenta após a apreciação cuidadosa da realidade sócio-econômica.

Nesse trajeto repetitivo e labiríntico, os tecnocratas, os arquitetos e os engenheiros, com fobia do social e do que mais temem, isto é, a ‘reflexão autônoma’, continuam a não dar ouvidos à crítica. Todavia, sempre chega a hora de se assumir as responsabilidades sociais e políticas pelas escolhas mal sucedidas. Porém, é lamentável assistir, no que se refere mais especificamente ao que ocorre no plano da preservação cultural, as poucas vozes que se levantam contra esse estado de coisas, e poucos hodiernamente, sob a sombra do chamado ‘silêncio dos intelectuais’, têm ousado apontar para os vícios desse ciclo fantasmagórico.

Destarte, isso parece certo, é preciso mudar e resistir contra essa matriz de atuação reducionista, classista e anti-democrática. Os Centros Urbanos Antigos devem ser locais de fruição para todos os cidadãos; não só para turistas, nem só para as pessoas das classes médias e altas. Esses espaços sociais devem manter-se espaços ‘democráticos’ e ‘plurais’ de encontro dos diferentes segmentos culturais e econômicos da sociedade. Evitando-se assim a expressão neurótica de um falso amor pelo passado, apontado por Lévi-Strauss na obra *Antropologia Estrutural II*: “(...) o amor pelo passado é uma mentira nas cidades que, para satisfazer a sua necessidade de crescer, massacram todos os vestígios do que foram e do que as fez (...)” (1976: 291).

Em traços largos, esse é o escopo do campo de problematizações que essa pesquisa tenta aqui contemplar. Para avançar a análise, vou introduzir mais alguns temas teóricos para balizar a reflexão crítica e por fim, sugerir algumas saídas para esse novo ‘labirinto de Dédalo’.

Paralelos Epistemológicos: A Virada Cultural e a Virada Cibernética

Para dar uma maior profundidade ao que foi traçado mais acima, e tentar atingir as camadas mais profundas – que sustentam e dão força motriz as transformações atuais – passarei a trabalhar

etapa, entre 12 a 14 cidades brasileiras, como Ouro Preto (MG), Olinda e Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ). Cidades como Salvador (BA), São Luís (MA) e São Paulo (SP), também estão autorizadas a desenvolver seus projetos.

²⁵ PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) é um programa de crédito para o setor público (Estados e Municípios) que foi concebido tanto para criar condições favoráveis à expansão e melhoria da qualidade da atividade turística na Região Nordeste, quanto para melhorar a qualidade de vida das populações residentes nas áreas beneficiadas. O PRODETUR/NE é financiado com recursos do BID e tem o Banco do Nordeste como Órgão Executor.

agora alguns autores que promovem uma verdadeira ‘geologia’ das lógicas desses processos culturais contemporâneos²⁶.

Começarei a reflexão crítica e analítica com dois textos de Laymert dos Santos. O primeiro é intitulado *Invenção, descoberta e dignidade humana* (Limite, 2000); o outro texto é *Quando o conhecimento tecnocientífico se torna predação high-tech: recursos genéticos e conhecimento tradicional no Brasil* (Santos, Laymert, 2005).

Podemos observar facilmente que nesses dois textos sentimos repercussões das reflexões sutis de Fredric Jameson nas análises que fez da ‘Virada Cultural’, do Capitalismo tardio:

“se quisermos compreender a sociedade contemporânea, precisamos entender como a cultura vem sendo colonizada pelo capital e como tal colonização tem efeitos devastadores sobre a política, as lutas de resistência e os anseios de emancipação” (Santos, Laymert *In Santos*, Boaventura, 2005: 127).

E mais:

“Nas duas últimas décadas tem se firmado a tese segundo a qual o capitalismo estaria se transfigurando ao incorporar a dimensão da cultura ao processo de produção e até mesmo a fazer dela o motor da acumulação”. (Idem: 127).

Nessa trilha, Jeremy Rifkin, no livro *The Age of Access*, argumenta que:

“o capitalismo global não só é ‘*knowledge based*’, mas também, e principalmente, que ele, ao canibalizar as culturas, todas as culturas, ameaça as próprias bases das sociedades por que dissolve a diversidade cultural do planeta através de uma instrumentalização cada vez mais intensa e acelerada” (Rifkin *apud* Laymert in Santos, Boaventura: 217).

Somam-se a esse arsenal crítico as reflexões de Vandana Shiva, para a qual a biodiversidade está sob a influência poderosa dos interesses capitalísticos da agroindústria e das corporações transnacionais farmacêuticas e de alimentos. Nesses seus estudos a autora nos oferece um quadro de referência que nos possibilita perceber com nitidez que há um paralelo entre a erosão biológica, descrita pela intelectual indiana Vandana Shiva, e a erosão cultural, descrita por Jeremy Rifkin.

Destaca-se desse processo o signo e o caráter destrutivo, porque não dizer ‘suicida’, da produção econômica contemporânea, isto é, que resulta na produção da ‘destruição’ em larga escala.

Apesar destes alertas contundentes, existem duas posições contrárias que se debatem, uma é menos cética, tentando esquadriñar um quadro mais otimista; e a outra posição é mais pessimista, em que leva as últimas conseqüências os indicadores alarmistas apontados acima. Assim, percebe-se que no campo científico contemporâneo manifesta-se uma tensão entre duas visões díspares, qual seja: 1.

²⁶ ‘Geologia’ no sentido empregado por Georges Balandier no livro *A Desordem: elogio do movimento*. Este autor, ao comentar sobre ‘a dificuldade de saber’ numa ‘modernidade superativada’ que ‘produz incessantemente o desconhecido’, ‘onde toda ordem parece se dissolver na sucessão de mudanças’, sustenta: “Na minha opinião, é melhor estudar sua geologia – sua coexistência por sedimentação léxica – que sua genealogia, a partir de um época ainda recente onde o modo de produzir e repartir, as formas de arrumação do espaço, o sistema estatal e burocrático permitiam satisfazer uma necessidade de identificação. De fato, não é suficiente trocar as palavras, as metáforas, as designações (do consumo, do lazer, das novas técnicas, da comunicação, das simulações e outras novidades) para se colocar em situação de compreender menos mal este mundo em desvario” (1997: 159).

Que defende que ‘não há erosão, mas transformação e construção’; 2. Defende que ‘há erosão e destruição’.

Nesse contexto de confrontos e posições antitéticas, Laymert dos Santos indaga: “- com base em que critérios podemos julgar o atual processo do capitalismo global?” Para compreender o mundo que está por vir, é preciso ir mais além da constatação de que aconteceu uma ‘virada cultural’, isto é, a plena incorporação da cultura ao sistema de mercado: a transformação da cultura em mercadoria. Para além dessa constatação, o sociólogo brasileiro, afirma que agora assistimos a ‘virada cibernética’ do capital.

Catherine Waldby, no seu livro ‘A Virada Cibernética’ afirma que hoje: “Selou a aliança entre o capital, a ciência e a tecnologia, conferindo a tecnociência a função de motor de uma acumulação que vai tomar todo o mundo existente como matéria-prima à disposição do trabalho tecnocientífico” (Santos, Boaventura: 128). E conclui: “A virada cibernética não é apenas mudança na lógica da técnica: é mudança na lógica sociotécnica” (Idem: 129).

O Tempo da Longa Duração: tempo para refletir

Após esta incursão num campo epistemológico mais amplo, em que se preconiza uma visão integrada e não fragmentada, vemos desenhar-se uma unidade quanto a percepção dos processos de transformação que acontecem na atualidade – e que se manifestam tanto na área da cultura, como da natureza e da tecnologia – atingimos enfim o ponto central deste texto. Creio que pelo espaço dessa intervenção esse talvez seja o ponto que merece ser destacado aqui. Assim, o foco da análise recairá agora no que chamarei de ‘conflito antitético’ entre o ‘tempo da longa duração para a reflexão’ e as exigências contemporâneas da pressa e ansiedade em dar respostas rápidas a problemas novos.

É preciso colocar em questão a sócio-técnica, isto é, colocá-la sob o crivo da perspectiva sócio-antropológica. Recoloco, então, o questionamento provocativo feito por Laymnert, destacado mais acima: “com base em que critérios podemos julgar o atual processo do capitalismo global?”

Há um descompasso intrínseco entre a novidade dos novos enfrentamentos políticos e sociais, que a questão do patrimônio e da memória suscita, e uma demanda cada vez mais ávida por respostas utilitárias e não-reflexivas²⁷. Chamaria de uma síndrome fóbica contra o “tempo da reflexão”, que se manifesta na atualidade. As novas dinâmicas dos enfrentamentos culturais e políticos do presente, que exigem uma reflexão acurada e sensível as especificidades dessas novas configurações, se debate com a demanda por simplificações utilitárias e instrumentais cada vez mais agudas.

Contudo, é certo que a atualidade nos lança em um mundo admiravelmente novo, para o qual não temos respostas prontas. O fato destes novos enfrentamentos não terem antecedentes na história, torna inútil o esforço ansioso de encontrar na nossa ‘caixa de ferramentas tradicionais e clássicas’, isto

²⁷ Isso parece certo: como o tempo e a velocidade das transformações são alucinantes e transtornantes, não há tempo para reflexão e elaboração dos processos psico-sociais subjacentes. Walter Benjamin já identificava esse fenômeno quando lembrava, apoiado em K. Marx, que a velocidade das transformações na base tecnológica e econômica das sociedades é maior que o tempo das transformações morais, psicológicas e culturais. É o que estamos vivendo: esse é o nosso ‘transe’ sociológico.

é ‘canônicas’, as respostas para esses novos problemas. Como sugere C. Geertz, nos cabe então trabalhar com as ‘perguntas’ adequadas; afirma: “Si no conoces la respuesta, discute la pregunta”²⁸.

A ciência é invocada a dar respostas rápidas e precisas para problemas que mal começaram a delinear-se; mas sabemos que elaborar uma inquietação, ou problematização, isto é, conseguir elaborar um problema científico, já é um grande passo na resolução do problema. Portanto, nas dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade, o que parece ser urgente é que talvez seja mais importante preparar nossa mente para novas exigências do momento atual, marcado pela aceleração histórica, pois esse parece ser o momento da ‘reflexão’ e do trabalho de construção de novas matrizes teóricas não-canônicas, dos problemas verdadeiramente cruciais, relacionados a conservação, preservação e promoção dos acervos naturais e culturais em risco de desaparecimento. Esse é um ponto importante, o tempo da reflexão e da elaboração de novos quadros de referência políticos e éticos tornou-se essencial para que possamos dar passos menos dúbios ou equívocos nesses novos domínios, em que se exige de nós respostas ético-políticas adequadas aos enfrentamentos com a globalização – tomada aqui como um processo vertiginoso de standardização de padrões culturais globais, como analisa Fredric Jameson (2001).

Talvez possamos vislumbrar no futuro próximo a criação de um Laboratório, ou Observatório, das políticas do Patrimônio Cultural na atualidade, que possa nos oferecer condições de ir além das demandas por ‘Oficinas’ e ‘Mini-Cursos’, excessivamente repetitivos, multiplicadores e facilitadores de práticas a-críticas sem profundidade e sem consciência reflexiva apurada, pois não têm tempo para realizar o trabalho de maturação reflexivo que a análise intelectual exige. Como afirmam Mattelart e Neveu, quando traçam os objetivos dos *Estudos Culturais* na atualidade, enfrentando a ‘desconstrução de uma herança de pesquisa’:

É preciso: (...) introduzir questionamentos que atingem todas as ciências. Lembrar que um compromisso crítico dos pesquisadores – desde que submetido aos controles organizados de uma comunidade científica – não é nem concessão a uma visão anacrônica do intelectual militante, nem entrave ao saber, mas pode constituir o motor de compreensão dos fatos sociais. Em tempos em que os pesquisadores e os intelectuais são convidados a se comportar como especialistas e engenheiros do social, respondendo às demandas dos poderes, em que um empirismo instrumental quereria desqualificar as interrogações sobre as condições de produção do saber, uma leitura genealógica só pode reintroduzir questões essenciais (Mattelart, 2004: 17)

Sob o domínio do referido ‘empirismo instrumental’, a tecno-ciência e as sócio-técnicas têm oferecido respostas pontuais e provisórias, fruto de uma demanda açodada, que leva ao solapamento das verdadeiras questões epistemológicas de fundo. É preciso encontrar algum modo de resistir e saber esquadrinhar as linhas de força dos atuais e novos enfrentamentos civilizacionais que estão em confronto na cena preservacionista. Tanto na área da natureza quanto na da cultura, assistimos novos investimentos avassaladores do capital, que deu saltos vertiginosos, em poucas décadas. Da referida

²⁸ Nesse particular, merece dispor a lembrança as palavras sutis de Merleau-Ponty: “La vida personal, la expresión, el conocimiento y la historia avanzan oblicuamente, y no directamente, hacia fines o hacia conceptos. Lo que se busca demasiado deliberadamente, no se consigue”.

‘virada cultural’, passamos rapidamente para a ‘virada cibernética’ – e a biotecnologia, que inaugura a passos largos a engenharia genética, tem servido de modelo para as novas engenharias culturais em processo de difusão. Não é por acaso que ouvimos com cada vez mais frequência terminologias análogas nesses dois domínios da natureza²⁹.

O Complexo de Dédalo em Perspectiva: encruzilhadas do labirinto

Retomando a provocação inicial do texto, parece fecundo fazer uma aproximação analógica com o que chamei de “o complexo de Dédalo” – que simbolizaria esse processo de uma crescente demanda por uma sócio-técnica. Vejamos: a figura mítica Dédalo, na mitologia grega antiga, elabora os aspectos mais técnicos, simbolizando a ‘engenhosidade’. Tanto constrói o labirinto, onde o homem se perde, quanto as asas artificiais de Ícaro, que contribuem para a escapada e o vôo, e provocam, finalmente, a perda. Construtor do labirinto, símbolo do subconsciente, Dédalo representaria muito bem, em estilo moderno, o tecnocrata abusivo, dos quais destacaria, de modo caricato, um profissional de:

Intelecto pervertido, de pensamento cego pelo afeto, que, perdendo a lucidez, faz-se imaginação exaltada e fica prisioneiro da sua própria construção, o subconsciente (Diel, 1966: 47).

Mas, é certo, como vimos nessa análise, que a construção também pode ser consciente e elevar-se sobre as asas da ambição, a qual, uma vez desmesurada, leva à catástrofe. A personagem lendária de Dédalo é o símbolo do **tecnocrata**, do aprendiz de feiticeiro fantasiado de engenheiro, que não conhece os limites do seu poder, se bem que seja representativo da *inteligência prática e da habilidade de execução* e o *tipo do artista universal, sucessivamente arquiteto, escultor, inventor de meios mecânicos*. Com as estátuas animadas que lhe foram atribuídas, ele faz lembrar Leonardo da Vinci e seus *automata*. Porém, Dédalo não teve mais sorte do que Leonardo, com os diferentes príncipes a que serviu (Chevalier, 1991: 327).

Assim, esse parece ser o complexo que hoje domina a cena da cultura – a *engenhosidade técnica* a serviço do capital que pretende investir e lucrar com aquilo que até então se considerava intocável e carregado de uma ‘aura autêntica’ e que não despertaria a ganância dos capitalistas de plantão.

No entanto, o significado da palavra ‘labirinto’ não é unívoco, apresenta sentidos aparentemente paradoxais. Comumente se considera uma “construção arquitetônica, sem finalidade aparente, de estrutura complicada e da qual, uma vez em seu interior, é impossível ou muito difícil encontrar a saída” (Cirlot, 1984: 329). Dessa forma, se configura um labirinto como algo extremamente complexo, no qual devemos saber caminhar com lucidez e astúcia.

²⁹ Sobre este ponto específico tenho um artigo que trata do que designo ali de ‘simultaneidades epistemológicas’ que parecem estar ocorrendo nesses domínios da natureza e da cultura. Trata-se do texto “Patrimônios Bioculturais na Hipermodernidade: a crise dos critérios de autenticidade” (Corrêa, 2007).

É sabido que um das origens clássicas do labirinto “é o palácio cretense de Minos, onde estava encerrado o Minotauro e de onde Teseu só conseguiu sair com a ajuda do fio de Ariadne”. Percebemos aí que se conservam do seu significado original, o sentido da “complicação de seu plano [arquitetônico] e a dificuldade de seu percurso” (Chevalier, 1991: 530).

Destarte, o labirinto atravessa o tempo como um desafio à imaginação e ao pensamento. Sua imagem arquitetônica nos atravessa desde a mitologia Grega, até a contemporaneidade tardia. Desde o labirinto de Creta, construído por Dédalo, para encerrar o Minotauro – criatura metade touro, metade homem – numa arquitetura repleta de encruzilhadas e dificuldades; vivemos o jogo fascinante de suas variações caleidoscópicas na atualidade vertiginosa. Funda-se, então, como um arquétipo trans-histórico a noção do labirinto como uma construção tortuosa que se destina a desorientar os indivíduos que se atrevem a desafiá-lo, aceitando “perder-se nas galerias que cavamos, andando em círculos, ...até que essa rotação inexplicavelmente abra fendas por onde se possa passar”³⁰. “Um labirinto é uma casa edificada para confundir os homens; sua arquitetura, pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim” (Borges, 1998: 598).

Contudo, se o labirinto é lugar do perder-se nas suas encruzilhadas, é também lugar próprio de exploração, de investigação e de pesquisa. A sua imagem e representação é mais mental do que arquitetônica. Por isso, parece fecundo nos associarmos aos que pensam no labirinto como uma ‘metáfora do conhecimento’. Explorar, investigar e pesquisar as bifurcações, as encruzilhadas e os caminhos tortuosos dessa metáfora torna-se simultaneamente um convite para a investigação e um desafio para a criação de possíveis saídas.

A metáfora do ‘labirinto’ parece encaixar-se como uma luva no contexto cultural que estamos analisando. Com Castoriadis (1987) encontramos uma refinada e sofisticada reflexão sobre a ‘ascensão da insignificância’ (2002) numa ‘sociedade à deriva’ (2006), num ‘mundo fragmentado’ que pretende, sob múltiplos avatares do conformismo triunfante, permanecer fossilizado, e se eternizando através da estética fetichizada pela ‘turistificação’ de todos os bens culturais; criando ‘parques temáticos’ em que se enclausura o passado como mercadoria fetichizada. A metáfora do labirinto dá sentido a essa experiência como ‘perda num mundo que é equivalente ao caos’ (Cirlot, 1984: 330). As ‘encruzilhadas’ desse ‘labirinto’ construído pelos arquitetos e engenheiros³¹ – os novos ‘dédalos’ da engenhosidade tecnocrata contemporânea – merecem uma análise crítica rigorosa e contextualizadora, que possa servir de resistência para o exercício de uma ‘política da paisagem’ que respeite a polifonia da cidade e garanta a voz e a expressão democrática das memórias sociais marginalizadas nesse contexto de intensificação, sem precedentes, da ‘gentrificação’ globalizada³².

³⁰ Castoriadis, *As Encruzilhadas do Labirinto*, (vol.1). Paz e Terra, 1987.

³¹ Como exemplo, em São Luís do Maranhão são quatro (4) consultores do BID: um (1) engenheiro e três (3) arquitetos. Não se sabe ao certo como são escolhidos, contudo sabe-se que recebem boa remuneração para analisarem e oferecerem pareceres em Projetos de intervenção Patrimonial na capital e em outras regiões do Estado.

³² Como exemplo gritante da dificuldade dos atuais especialistas do patrimônio, os novos Dédalos tecnocratas da contemporaneidade, em compreender as dinâmicas do patrimônio e da memória está na questão da cidadania da acessibilidade dos portadores de necessidades especiais aos Centros Urbanos Antigos. Como estes sítios-parques foram tombados na segunda metade do século XX, foram congelados sem que se possa vislumbrar o direito de acesso dos que não podem se locomover em ruas com paralelepípedos e escadarias íngremes. Esquecem-se estes tecnocratas daquilo que Paul Ricoeur chamava a atenção, o

Desafortunadamente, a referida ‘gentrificação’, associada a ‘turistificação’, tenderá a se acelerar nestes próximos anos, com o anúncio recente da realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014, em solo brasileiro³³. Esse evento incrementará ainda mais a voracidade dos agentes públicos que irão reproduzir *ad infinitum* a ‘equação da ilusão’, já decifrada mais acima, qual seja: turismo igual a mais desenvolvimento. Axioma questionável e altamente perverso.

Para não alongar-me demais nessas reflexões, em respeito ao tempo necessário para o debate, lembro de uma frase de Castoriadis:

Pensar é entrar no labirinto, mais precisamente é fazer existir e aparecer um labirinto, quando se poderia ter ficado estendido entre as flores, a olhar o céu (1987: 252).

Já apresentando as considerações finais, com algum desejo de ver ‘as flores e olhar o céu’, creio que ao menos se soubéssemos invocar a poesia, quem sabe poderíamos elaborar melhor esse jogo de imagens dialéticas que nos tocam atualmente, num cenário urbano de transformações vertiginosas³⁴. Em solo sul-americano, o ‘nostalgismo’ da onda *retrô*, fenômeno essencialmente europeu, sofreu alguma metamorfose, e seria útil nos interpretarmos as singularidades desse sentimento entre nós. A saudade como uma estrutura de sentimento peculiar, carrega pleno sentido que invoca dimensões profundas de nossa psique e identidade sócio-cultural.

Nesse ponto literário e poético, refiro-me, por exemplo, aos versos de um grande português. Num poema em que vemos se expressar o mundo fantástico, e não nostálgico, de Fernando Pessoa, que lapidou: “saudade imensa de um futuro melhor”. Inspirados nesse verso poderíamos, quem sabe, vislumbrar veredas mais fecundas contra essa repetição estéril de um passado que nunca existiu.

Arrisco, assim, uma tese ético-política: é preciso mais poesia e menos tecnocracia. Mais invenção e menos cópia e repetição do passado.

O tema da preservação de Centros Urbanos Antigos nos faz reforçar a idéia de que não se pode ter a pretensão de oferecer, de forma categórica e arbitrária, alguma fórmula, ou panacéia, para a solução de todos os problemas interligados ao tema tão controverso da preservação/restauração/tombamento de Centros Antigos.

Isso me faz lembrar do poeta modernista carioca Dante Milano, que ofereceu uma imagem feliz que pode ajudar a nossa reflexão. Na verdade pode parecer um pouco enigmática, ou paradoxal, mas tem muita sutileza. Nós afirmamos que alguma coisa é ‘paradoxal’, até o momento em que

‘passado tinha um futuro’ (Morin, 2001: 369-378). É preciso que o patrimônio seja efetivamente de todos e não dos que se apropriam dele ‘primeiro’.

³³ Ressalta-se ainda a proximidade das comemorações do 400 anos de fundação da cidade de São Luís do Maranhão, que desde 1997 está incluída na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade (UNESCO). Acontecimentos que incrementam o ciclo de comemorações históricas agenciadas por autoridades governamentais do momento.

³⁴ Esse quadro sócio-cultural adquire coloridos locais particulares quando observamos que com ele vem se aprofundar a nossa visão de que essa política do patrimônio se baseia numa estrutura de sentimento muito antiga, que agora está potencializada. Trata-se de um ‘sentimento tipicamente português’ enraizado em nossa cultura, qual seja: a ‘saudade do passado’. Ao invés de nos arriscarmos a pensar em novas saídas para os dilemas labirínticos da alta modernidade, ou hiper-modernidade, vemos se manifestar e cristalizar uma regressão coletiva a um sentimento arcaico de nossa formação sócio-cultural. Vemos de difundir o ‘ânimo do desencanto’ em relação ao que está porvir, e nos entregamos ao culto ‘nostálgico’ de um passado fetichizado. Culto pseudo-nostálgico ritualizado de modo a-crítico, que cultua não ‘o passado’, mas o ‘passado’ sanitizado, turistificado, tornado mercadoria: a mais nova mercadoria da ‘virada cultural do capital’ (Jameson, 2006).

encontramos a ligação entre as idéias em jogo, cujo o significado ainda estava subjacente, obscuro. Dante Milano escreveu:

Imitar é recordar. Recordar é recriar. (...) Para a Natureza não existe passado. Igual no presente e no futuro. Isto significa que, imitando-se o passado, não se imita, mas se recria o passado (...). Sublinho a frase: 'Imitando-se o passado, não se imita, mas se recria o passado'. (Milano, 1979).

Talvez seja esse o ponto que é interessante frisar. Tem-se feito muita cópia e réplica do passado, nos Centros Históricos; parece que o que está faltando é “recriar o passado”. Esse é nosso desafio: não se deixar sufocar pelo passado e manter, de alguma forma, viva a chama da criatividade. Petrificar, museificar, patrimonializar, congelar o tempo, é um risco real, se não houver investimento na criatividade e na troca de experiências simbólicas comunitárias.

Decerto que se conseguíssemos manter um equilíbrio entre criatividade/ mudança e preservação/conservação, conseguiríamos resolver uma equação muito difícil. O que nos parece por demais simplista é dividir o mundo em apenas dois lados: o da mudança/destruição/criação e o da conservação/preservação/musealização. Eu creio que é possível obter no jogo desses dois pólos uma dialética estimulante para o pensamento. Nossa marca é a heterodoxia, que consiste em se colocar mais distanciado das posições fundamentalistas e estranhar as propostas de panacéia radical e definitiva. O que deve ser evitado a todo custo é a imposição de uma matriz monolítica que vai impossibilitar o diálogo e a crítica.

Por fim, insisto nesse ponto filosófico e histórico colocado por Paul Ricoeur:

O passado tinha um futuro: "Os homens de outrora não tinham somente um vivido presente e um horizonte de incerteza quanto ao futuro. Eles tinham também opções abertas, projetos, temores, expectativas, sonhos. Para nós, que chegamos depois, esses projetos parecem não cumpridos. à indeterminação do futuro do passado junta-se a não-realização ulterior dos desejos. Assim o passado é também para nós aquilo que não puderam fazer as pessoas da Idade Média, as pessoas da Renascença ou da Reforma, as do Iluminismo, os nacionalistas e os revolucionários do século XIX (...)" (Morin, 2003: 375).

Referências

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1997.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 1997.
- BANDUCCI Jr. (Org.) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Ed. Papirus. 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1994.
- BETSKY, A. *Queer space: architecture and same-sex desire*. New York: William Morrow & Co. 1997.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. 1. ed. São Paulo: Ed. Globo. 3v. 1998.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP. 2003.
- CASTILHO, Cláudio Jorge Moura. *O uso do turismo na formação de representações socioespaciais do desenvolvimento em Recife/Pernambuco*. <http://www.inventionweb.com.br/neer/comunicações/cláudio-moura-castilho.pdf>. 2006.
- CASTORIADIS, C. *As Encruzilhadas do Labirinto Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1987.
- _____. *As Encruzilhadas do Labirinto Vol. II - Os domínios do Homem*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1988.
- _____. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.
- _____. *As Encruzilhadas do Labirinto Vol. III - O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1992.
- _____. *As Encruzilhadas do Labirinto Vol. IV*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 2002.
- _____. *Una sociedad a la deriva*. Buenos Aires: Ed. Katz, 2006.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1991.

CORRÊA, Alexandre. "Patrimônios Bioculturais na Hipermodernidade: a crise dos critérios de autenticidade". Vol. 5, n.2, pgs. 243-251. <http://www.pasosonline.org/Publicados/5207/PS080207.pdf>. 2007.

DIEL, Paul. *Le symbolisme dans la mythologie grecque*. Paris: Ed. Payot. 1966.

GLASS, R. London: aspects of change. Londen: Macgibbon & Kee. 1964.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2001.

_____. *A virada cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2006.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Ed. Forense. 1990.

_____. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra. 2005.

LABIRINTO. ENCICLOPÉDIA Einaudi, vol. 13, *Lógica-Combinatória*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. p. 247-273. 1998.

LEIS, H. R. O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia / Blumenau: Fundação Universidade de Blumenau. 171 p. 1996.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade*. Campinas: Ed. UNICAMP. 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro. 1975.

LIMITE. A ÉTICA E O DEBATE JURÍDICO SOBRE O ACESSO E USO DO GENOMA HUMANO/ Org. Fernanda Carneiro Rio de Janeiro: Dezembro. 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Ed. Relógio D'água. 1989.

MATTELART, Armand. *Introdução aos estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.

MILANO, Dante. *Poesia e prosa*. Org. Virgílio Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: UERJ. 1979.

MORIN, Edgar. *Terra pátria*. Porto Alegre: Sulina. 1995.

_____. *Religação dos saberes*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. 2001.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2003.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Terra Nova. 1992.

SAHLINS, Marshall . *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2005.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto da sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34. 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bienvenidos al desierto de lo real*. Madrid: Akal, Madrid. 2005.